

ÍNDICE

EDITORIAL 5

A JOSÉ RODRIGUES, AQUELE ABRAÇO

TEXTOS E TESTEMUNHOS | Ramalho Eanes (p. 8), A. Andrade (p. 9), Alberto A. Abreu (p. 9), Alberto Tapada (p. 10), António Oliveira (p. 11), Castro Guedes (p. 12), Diogo Alcoforado (p. 13), Diva Barrias (p. 20), Emerenciano (p. 22), Francisco Laranjo (p. 23), Gaspar Martins Pereira (p. 24), Guilherme d'Oliveira Martins (p. 25), Henrique Silva (p. 26), Isabel Pereira Leite (p. 27), Isabel Pires de Lima (p. 29), Isabel Ponce de Leão (p. 34), Isabel Saraiva (p. 36), Jorge Teixeira da Cunha (p. 37), José Adriano Fernandes (p. 38), José Gomes Fernandes (p. 38), José Manuel Cordeiro (p. 39), Júlio Cardoso (p. 41), Júlio Roldão (p. 42), Luandino Vieira (p. 42), Luís Braga da Cruz (p. 43), Maria Celeste Natário (p. 44), Maria Luisa Malato (p. 46), Mónica Baldaque (p. 48), Nassalete Miranda (p. 48), Nuno Higino (p. 49), Roberto Merino Mercado (p. 50), Ruben Marks (p. 52) e Salvato Trigo (p. 55).

ILUSTRAÇÕES DE: Artur Moreira (p. 9), Avelino Leite (p. 12), Emerenciano (p. 23), Francisco Laranjo (p. 23), Filomena Vasconcelos (p. 28), Isabel Saraiva (p. 36), Mário Bismarck (p. 39), Luandino Vieira (pp. 42-43), Paulo Gaspar (p. 48) e Sousa Pereira (p. 60).

NOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE RAUL BRANDÃO

EM TORNO DO TEATRO DE RAUL BRANDÃO | António Braz Teixeira 62
APONTAMENTOS SOBRE HÚMUS DE RAUL BRANDÃO | Luís de Barreiros Tavares 66
A COISA NA OBRA DE RAUL BRANDÃO | Rodrigo Sobral Cunha 72

NOS 350 ANOS DO FALECIMENTO DE FRANCISCO MANUEL DE MELO

FRANCISCO MANUEL DE MELO:
O HOMEM E A OBRA NO CONTEXTO DO BARROCO | Maria Luisa de Castro Soares 84
FRANCISCO MANUEL DE MELO E ANTÓNIO VIEIRA | Ana Paula Banzá 91
FRANCISCO MANUEL DE MELO, MORALISTA | António Braz Teixeira 99
FRANCISCO MANUEL DE MELO: CONHECER, SENTIR E «ESCREVIVER» | Deana Barroqueiro 103
A METAFÍSICA DA SAUDADE DE FRANCISCO MANUEL DE MELO | Manuel Cândido Pimentel 108
AS EXPLORAÇÕES CABALÍSTICAS DE FRANCISCO MANUEL DE MELO | Manuel Curado 112
A PINTURA DO PENSAMENTO:
ALEGORIA DA HISTÓRIA EM FRANCISCO MANUEL DE MELO | Maria Teresa Amado 127

OUTRAS EVO(O)CAÇÕES

ÂNGELO ALVES | J. Pinharanda Gomes 136
ANTÔNIO PAIM | José Maurício de Carvalho 143
AZEREDO PERDIGÃO | Adriano Moreira 144
CORRÊA DE BARROS | José Almeida 150
EÇA DE QUEIRÓS | José Lança-Coelho 151
EDUARDO PONDAL | Maria Dovigo 153
EUGÉNIO TAVARES | Elter Manuel Carlos 158
GUERRA JUNQUEIRO | Delmar Domingos de Carvalho 165
JOÃO FERREIRA | Renato Epifânia e Luís Lóia 167
MANUEL ANTÓNIO PINA | José Acácio Castro 169
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO | Fernanda Eanes e J. Pinharanda Gomes 174
MATEUS DE ANDRADE | José Luís Brandão da Luz 181
PINHARANDA GOMES | Elísio Gala 190
TORGÀ E RUBEN A. | Paula Oleiro 192
VIEIRA | Eduardo Lourenço 196

OUTROS VOOS

A LUSOFONIA COMO UTOPIA CRIADORA Adriano Moreira	200
UTOPIA E MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO: NOS 10 ANOS DA <i>NOVA ÁGUA</i> António José Borges	204
BREVE CRÓNICA DO CENTRO PORTUGUÊS DE VIGO Bernardino Crego	207
A ITÁLIA NA “GERAÇÃO DE 70”: A “GERAÇÃO DE 70” EM ITÁLIA Brunello Natale De Cusatis	210
LITERATURA E DIPLOMACIA: ALGUMAS REFLEXÕES Cláudio Guimarães dos Santos	218
PROLEGÓMENOS E INTERMITÊNCIAS DIALÓGICAS Joaquim Pinto	222
LUSOFONIA INTERIOR Luis G. Soto	230
A <i>NOVA ÁGUA</i> E A CULTURA LUSÓFONA Nuno Sotto Mayor Ferrão	235
AUTOBIOGRAFIA 3 Samuel Dimas	241

EXTRAVOO

VIDA CONVERSÁVEL – SEGUNDA PARTE (CONTINUAÇÃO) Agostinho da Silva	252
APRESENTAÇÃO A ORIENTE DE ESTREMOZ DE UMA REVISTA LITERÁRIA António Telmo	255
DO QUE POSSA SER A FILOSOFIA Delfim Santos	257

BIBLÍÁGUO

<i>PORTUGAL, UM PERFIL HISTÓRICO</i> Renato Epifânio	270
<i>TRAÇOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA PORTUGUESA</i> Renato Epifânio e Joaquim Domingues	272
<i>A LITERATURA DE AGOSTINHO DA SILVA</i> António Cândido Franco	276

POEMÁGUO

PARA AS TINTAS DO JOSÉ RODRIGUES Albano Martins	6
A “ANJA” DE JOSÉ RODRIGUES José Acácio Castro	6
DA ESCULTURA: <i>A JOSE RODRIGUES - IN MEMORIAM</i> António José Queiroz	6
PESSOAS COMO O JOSÉ RODRIGUES Renato Epifânio	6
O ROSTO QUE SONHA: PARA JOSÉ RODRIGUES J. Alberto de Oliveira	7
TU NÃO VIESTE ONTEM Emerenciano	22
CANTANDO-TE Ruben Marks	54
O TEU NOME INSCRITO Rosa Alice Branco	60
PERMITE-TE O IMPOSSÍVEL Isabel Alves de Sousa	60
PROCELA / VIDA E POESIA António José Borges	61
HUMANIDADE Fernando Esteves Pinto	83
ALEKSANDR SOLZHENITSYN Jesus Carlos	135
CARTA AO ALBERTO CORRÊA DE BARROS NA HORA DA PARTIDA José Valle de Figueiredo	151
SONETO – OBIRALOKA/ INCONSTÂNCIA Jaime Otelo	198
AMADOR, COMO DISSE CAMÓES Manoel Tavares Rodrigues-Leal	250
MORTE EM AZUL Filipa Vera Jardim	251
FLUVIALMENTE Maria Luísa Francisco	279
ESCURIDÃO Delmar Maia Gonçalves	279

MEMORIÁGUO

.....	280
-------	-----

MAPIÁGUO

.....	281
-------	-----

ASSINATURAS

.....	281
-------	-----

COLEÇÃO NOVA ÁGUA

.....	284
-------	-----

Ramalho Eanes

O ser humano é o único ser na natureza dotado de uma dupla historicidade: a herdada (cultural e política) e a pessoal (a educação que é, a um só tempo, reflexo e projecto de cultura). Todo o ser humano é, naquela perspectiva, um permanente produtor-consumentor de cultura.

Obviamente, neste ciclo de inevitável produção comum de cultura, há sempre alguns que mais se distinguem pela qualidade, pela inovação criativa – enfim, pela exceléncia da produção cultural. A estes chamamos «artistas», aqueles que se dedicam ao fabrico consciente de beleza. Natural seria, pois, que a vida e a natureza – enfim, o múltiplo e permanente inter-relacionamento do homem com o Outro –, quer seja o seu semelhante, quer seja o mundo, se tornassem fontes privilegiadas de inspiração e de luminoso despertar artístico. E fonte, assim, porque apaixonadamente sedutora ela é e se manifesta, pela diversidade de seres, pela multiplicidade de formas e cores que oferece, pela beleza plural que exibe, pela sensibilização que gera.

Natural, pois, que José Rodrigues, na sua Angola natal, sentisse o apelo sensorial que a natureza lhe lançava, manifestando, desde criança, um gosto pelas artes, nomeadamente pelo barro, originado pela natureza e que esta permite recriar. Natural, pois, que a sua ânsia por mais saber e mais aprender o tivesse impulsionado para Portugal, e o levasse a frequentar o curso de Belas Artes no Porto, que, aliás, terminou com a nota máxima, e onde viria a ser professor.

Do seu valor e qualidade artística falam, com indubitável comprovação, o reconhecimento, nacional e internacional, que granjeou. Expôs, individualmente, em múltiplas geografias, onde o público se rendeu às suas poderosas esculturas, nomeadamente, de Anjos e Cristos, de um misticismo impressionante. Participou, também, em diversas exposições colectivas, tanto em Portugal como em países tão diversos como Áustria, Estados Unidos, Brasil, Índia, China e Japão, entre outros. Muita é, ainda, a arte pública, esculpida por José Rodrigues, que podemos apreciar em

diversos pontos do País, como Porto, Viana do Castelo, Monção, Arcos de Valdevez, Vila Nova de Cerveira, Vila Real e Lisboa, entre outros.

Para além do seu brilhante trabalho como escultor, José Rodrigues produziu, ainda, cerâmica, medalhística e ilustrou livros de poetas e escritores de renome e seus amigos, como Eugénio de Andrade, Jorge de Sena e Vasco Graça Moura. Foi, igualmente, cenógrafo, de diversas produções no Porto, em Cascais e Lisboa. Lembro, particularmente, as suas belíssimas produções para a produção de *Yerma*, de Federico Garcia Lorca, em 1992, que considerou muito estimulante e provocante, por implicar encenar uma peça onde o ateísmo e a fé são tão irmãos, a alienação e a libertação tão radicais.

Não posso, nem devo, ainda, esquecer que foi um dos artistas fundadores da Árvore-Cooperativa de Actividades Artísticas, em 1963, cooperativa que fez parte da grande renovação cultural da cidade do Porto, da batalha contra a desertificação, o imobilismo e o envelhecimento das estruturas existentes. Trata-se, pois, no seu campo de actuação específico, de um projecto de mediação entre o artista plástico e o público, entre a cultura e a cidade do Porto, tendo a sua dinâmica divulgado uma nova linguagem, e criado uma nova forma de relacionamento com a cidade, tornando-a no que é hoje: uma das mais distintas e distintivas organizações da sociedade civil portuense no campo da arte e do acolhimento e mobilização de artistas plásticos. Mas correcto não seria falar apenas do José Rodrigues Artista, cuja qualidade tantos apreciam, neles se contando nós – eu e minha mulher – e, já, também, os nossos filhos. É que José Rodrigues era, para além de artista, ou talvez por ser também artista, um homem de apurada sensibilidade, acutilante olhar para a beleza, transcendente olhar para o Homem e para Deus, e elevada lealdade como amigo.

A sua obra é, pois, uma dádiva, em primeiro lugar, à arte e à escultura e, por isso, à cultura do País e, depois, também, à família (a quem nos liga um especial carinho e admiração; à Lindinha, filhas e netos), aos seus amigos, aos seus muitos admiradores, entre os quais me incluo, naturalmente, e incluo a minha mulher.



Desenho de Artur Moreira

Não posso, pois, deixar de, reconhecidamente, prestar homenagem, pública, a José Rodrigues, por toda a criatividade com que, inspiradamente, observava o mundo e recriava a sua beleza, a que o redemoinho do quotidiano da vida, tantas vezes, nos alheia.

A. Andrade

À época da conceção e construção da “Pérola”, poucos locais do território de Macau se apresentariam tão amplos e despojados quanto o que foi escolhido para a instalação desta obra de José Rodrigues. E este facto, conjugado com a circunstância de se situar já nas proximidades das “Portas do Cerco”, à vista da linha de costa ao longo da qual se ergue o perfil da cidade fronteira de Zhuhai, empresta à escultura – e, por maioria de razão, ao brilho que irradia – um sentido de *sinal*, como se de um farol se tratasse, pontuando a costa, ali onde, precisamente, esta se apresentava então mais vazia.

A realização de uma peça com esta envergadura é tarefa exigente e complexa: envolve uma equipa multidisciplinar, disposta a levar de vencida as vicissitudes por que inevitavelmente passa, compensada, porém, pelo resultado – e é forçoso reconhecer a satisfação com que “A Pérola” foi acolhida: a diversidade de leituras dos seus perfis, sem perda da percepção imediata da forma geral; a delicada alegria da sua cor, combinada com a suavidade da água que, como que suspende as cinco esferas envoltas por vegetação, bem assim como a escala apropriada à imensidão do espaço envolvente, contribuíram para uma aceitação espontânea da sua presença, aberta às flutuações interpretativas que suscitam as obras que, de modo incomum, combinam sabiamente a materialidade da forma e dos materiais com a simbologia que reforça a poesia do lugar, a sua ambiência e particularidade histórica (e também política, naturalmente) logo, portanto, enaltecedo a ação das pessoas...

José Rodrigues levou também a Macau uma exposição de desenhos, apresentada na Galeria dos Serviços de Turismo, no Largo do Leal Senado, bem no centro da cidade e tive o prazer de obter permissão para o homenagear com uma ilustração, inserida no respetivo catálogo. A propósito, cabe lembrar ainda, como, enquanto ali esteve, José Rodrigues participou em diversos momentos de convívio, alargados a um inesperado conjunto de *artistas do Porto*, encontros cuja evocação, muito especialmente agora, adquire maior significado, pela sua excepcionalidade geográfica, histórica, humana...

Alberto A. Abreu

O escultor, mesmo quando não trabalha o barro, reedita a obra criadora de Deus, arrancando formas significativas de uma qualquer massa informe. É o retrato que dele faz o padre António Vieira na descrição do trabalho do “estatuário”, que, de uma pedra pode fazer “até um santo”. Teoricamente, na obra feita, o que aparece é uma “mimese” de algo objectivo. Mas tudo isso não passa

da teoria: por maior que seja o distanciamento resultante da *epoché* artística, a força intencional e a subjectividade que inelutavelmente enformam todo o labor artístico impedem que a mimese não seja também a do mimetizador.

Quando D. Armindo Lopes Coelho encomendou a José Rodrigues a escultura do Cristo da capela do Seminário de Viana do Castelo, de certo esperava que o escultor investigasse sobre o tema que tantas obras de arte suscitou e em que, por isso, a liberdade criadora é, hoje, também diminuta. José Rodrigues, honestamente, confessou não conhecer mais do que as esculturas e obras de santeiro já bem conhecidas; mas aceitou o desafio, disse qua “ia tentar”, e lançou-se a esculpir toda uma série de cristas, desde os seus tratamentos estereotipados aos mais heterodoxos. O trabalho de meses de canseira permitiu que o escultor visse no Cristo o epítome de todos os sofrimentos humanos, de que a cruz foi o remate final. Habitualmente, esculpe-se primeiro a cruz quando ela não é mesmo fornecida previamente e sobre a cruz é fixado o “homem das dores”. José Rodrigues, porém, procedeu ao invés. Tratou do homem, “fê-lo e refê-lo, corrigiu” e só depois arranjou uma cruz para ele. Por isso a cruz resultou assimétrica. Resultou torta, porque se destinou a matar um homem a quem o destino traçado foi o de “morrer na dor”. Também o rosto deste crucificado não reproduz o do José Rodrigues. Habitualmente, seja um orfeu, um caramuru, um D. António Barroso – o que neles vemos é o rosto hipostasiado do José Rodrigues. Aqui não aconteceu assim. Aqui, o que saiu foi um cristo “humano”, com um rosto como o de todos os homens. Como o do José Rodrigues também. E, como é anseio de todos os homens – do José Rodrigues também – a escultura não tem as pernas de todos os cristas dos crucifixos habituais, mas uma como saia em bronze polido, que José Rodrigues me disse: “isto é a ressurreição!” Pela primeira vez saiu esculpida a profecia de Cristo ao “bom ladrão”: hoje mesmo, *i.e.*, não daqui a três dias, nem domingo, mas “hoje mesmo estarás comigo no paraíso”. Viana do Castelo ficou dotada duma obra de génio dum escultor genial. Outra escultura de José Rodrigues e também de

motivação religiosa foi a do Francisco, pastoriño de Fátima para a sua sepultura no santuário da Cova da Iria. Também este não é parecido com o José Rodrigues. Mas também nele se hipostasiam os anseios de José Rodrigues: Francisco tem bem o corpo e o rosto dum rapaz, infantil, mas saudável; inocente, como o de quem, franciscanamente, com um cordeiro no regaço, amava e comungava com os animais; recolhido, como é apanágio dos místicos como ele que alternava o pastoreio com as idas à igreja, a fazer companhia a “Jesus escondido”. Mas todo o cenário naturalista que o envolve e se prolonga, como folha caída sobre a laje sepulcral, é bem a projecção do ânimo de José Rodrigues que não descansava enquanto não revestisse de folhas e frutos as floreiras da Praça da República de Viana, a malga de louça de Viana que também esculpiu, e lhes pusesse também uma ave, como pôs no célebre cubo da Praça da Ribeira no Porto.

Esculpir é uma obra de arte total, quando é fruto de uma aturada investigação, quando nela se projecta a alma do artista e quando através dela fazemos com ele comunhão!

Alberto Tapada

O conhecimento do Zé remonta a 1980, quando, regressado de França, iniciei as minhas lides no movimento cooperativo e integrei a direção da Uninorte. Houve uma cerimónia na cooperativa Árvore e apresentaram-me o “Mestre Zé Rodrigues”, que, de rajada, perguntou: quem é este gajo?

Sorri, com timidez e olhei-o com aquela gente, aquele tropel de criadores, artistas e desalinhados que evidenciavam o espírito criativo, militante e alternativo com que se construía o mundo. Havia um misto de irreverência, de lucidez e mais ainda de paixão, qualquer coisa de Che Guevara, pairava no ar!

Ele e os demais (onde se inseria o Calvet Magalhães) perpetuavam a construção libertária Proudoniana, a revolução no pensamento e a nova matriz em que se moldava o homem novo gerado no 25 de Abril e que, pela via cooperativa,



continuava a realizar o sonho transformador de que as Cooperativas Árvore e tantas outras davam um inovador contributo para a realização de um sonho!

Uns tempos depois enquanto se comiam umas alheiras vindas de Alfandega da Fé, na cozinha da Árvore, fiquei de boca aberta enquanto guardanapos e toalhas de papel se animavam com negros traços, a lápis e carvão e florescia vida de entre aqueles dedos que gravavam visões, corpos, sensualidades e luzes naquelas “telas” improvisadas.
– Gostas, pá? De onde és? Atacou de imediato. Conversámos e ficou a conhecer mais um transmontano e isso, senti-o, mudou a sua relação comigo!

Algum tempo depois, integrámos os Órgãos Sociais da Cooperativa Superior Árvore, ele na qualidade de Presidente da Direção e, eu, de Presidente do Conselho Fiscal. E um dia, eu disse-lhe que tanto entendia ele a dirigir, como eu a fiscalizar!

– Isso são coisas do Tito, que, com o Calvet, são os maiores doidos aqui da casa! É lá com eles! Pôs-me o braço e reiterou, que deixasse correr! Anos mais tarde deixei de estar tão próximo, mas continuámos a caminhar juntos e a encontrar-nos em certos eventos e em compromissos políticos e sociais, combates a que o Zé nunca virava as costas. Era um combatente sempre pronto e disponível e partilhámos um mesmo padrão, que é aquilo que sintoniza os amigos. Passei a visitá-lo na sua Fundação, muitas vezes a convite do Vieira que me dizia que o Mestre gostava muito de me ouvir, naquilo que hoje analiso como a sua redescoberta e viagem à ancestralidade transmontana, esse relicário do passado português e onde o nosso espaço, cultural e simbólico se perpetuam no cerco montanhoso, no isolamento, no sagrado das montanhas, dos mistérios dos elementos primordiais, nos eventos associados aos equinócios e solstícios, temáticas que ele me solicitava que descrevesse de forma veemente!

E nisto passámos horas! E repetia:

– Escreve isso, escreve tudo Tapada! Isso faz com que me reencontre!
– Vamos fazer um acordo, disse-lhe eu, há cerca de 2 anos. Eu escrevo e tu desenhas esses temas transmontanos.

E assim ficou estabelecido, tendo-me oferecido um catálogo da exposição Baco, com o desenho de um Sol radiante, a quem chamou “Tapada”. Por isso, quando ouço o vento feiticeiro, quando pia a coruja no silêncio dos montes ou quando nas invernias, crepitam as labaredas ou até cheira a alheiras na brasa (uma sua paixão!), estou certo de que ele desenha riscos no tempo e, através deles, perpetua a identidade da força telúrica transmontana. E, olhando uma sua foto que está à minha janela e se alinha com o deus pétreo maronês, vejo os quadros que o Zé desenha nos céus, como se fossem guardanapos de papel, na antiga cozinha da nossa Árvore. E então, peço-lhe que mos guarde para uma exposição futura!

António Oliveira

Querido diário,

As sombras do tempo passaram por mim e agora ando perdida na minha constelação desamparada. O desaparecimento do meu Mestre reencarnou a minha alma reclusa deste espaço doravante insuportável. O que restava da minha existência, ele levou-a no baú dos seus segredos. A carne fria, o ardor nupcial enroscado sobre os resíduos da felicidade, os fungos à flor da pele, vou desidratando a minha sede de infinito. Sem o amor compulsivo com que ele me moldava os sonhos, sou apenas um címbalo que ressoa sem qualquer tonalidade. Sinto a falta daquelas mãos que me adulavam os seios virginais, perfumavam de calafrios as minhas ancas sibilinas e agitavam as partes irrequietas da minha vida intangivelmente humana.

O meu criador morreu.

Agora a frieza das cinzas torna-se cada vez mais insustentável. O meu corpo deixou de ser angelical para ser granito e bronze lapidado e o amor inconformado deixou um grito latejando numa lápide tumular. Se queres que te diga, os meus suspiros lânguidos de outrora emudeceram para sempre. Daqui em diante, a minha vulnerabilidade será insensível, inexorável. Deste promontório do Alto da Fontinha, onde a vida já me cansa, avisto os *lugares do lume*, entre os pombos da Ribeira e as gaivotas da Foz, onde